

TRANSFORMANDO UM ALUNO DISLÉXICO EM UM LEITOR COMPETENTE

LEAL, Liene Martha¹

Universidade Federal do Piauí

INTRODUÇÃO

A palavra dislexia vem do grego *dys*, que significa pobre, e *lexia*, que quer dizer linguagem. (2). Dislexia é um problema neurológico relacionado à linguagem e à leitura. A dislexia afeta a capacidade da criança de ler, escrever e compreender a linguagem.

De acordo com Bruce Pennington, doutor em psicologia clínica, a dislexia é uma dificuldade inesperada na aprendizagem da leitura e da soletração. “Inesperada significa que não há qualquer razão óbvia para a dificuldade, como, por exemplo, escolarização inadequada, desvantagem sensorial periférica, lesão cerebral adquirida ou inteligência abaixo da média”. (3, p. 47). Ao contrário, “a maioria dos indivíduos disléxicos possuem inteligência igual ou superior à média”. (2, p. 6).

Pesquisa realizada pela Universidade de Washington revelou que

“crianças com dislexia usam quase cinco vezes mais da área cerebral do que os ‘normais’, enquanto realizam uma simples tarefa de linguagem. Longe de ser ‘preguiçoso’, o cérebro das crianças com dislexia trabalha, na verdade, em alta velocidade”. (2, p.6).

Conforme a Dra. Sally Shaywitz, neurocientista e pediatra, os primeiros sinais de dislexia são: atraso na fala; dificuldades na pronúncia; insensibilidade às rimas e utilizar palavras vagas como *coisa* ou *negócio* em vez do nome verdadeiro do objeto (o problema está na linguagem expressiva e não no pensamento). A dislexia representa uma dificuldade específica com relação à leitura, e não à capacidade de pensar do sujeito. Exatamente por isso que as crianças disléxicas apresentam significativas habilidades no processo de pensamento.

¹ Mestra em Psicologia (UNIFOR), Psicóloga (UFC) e Professora (DE) da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos – PI.

Segundo a Dra. Sally Shaywitz, as crianças da pré-escola e da 1^a. Série apresentam as seguintes habilidades no processo de pensamento: curiosidade; grande imaginação; capacidade de descobrir como as coisas acontecem; forte envolvimento com idéias novas; compreensão do ponto essencial das coisas; boa compreensão de novos conceitos; maturidade surpreendente; grande vocabulário para sua faixa etária; satisfação ao resolver quebra-cabeças/problemas; talento para a construção de modelos e excelente compreensão de histórias que lhe são lidas ou contadas.

Nas crianças a partir da 2^a. Série, a Dra. Sally Shaywitz observou excelentes habilidades no processo de pensamento: conceituação, raciocínio, imaginação, abstração; aprendizagem mais bem realizada por meio do significado do que pela memória imediata; capacidade de entender “o todo”; alto nível de compreensão daquilo que se lê para ela; capacidade de ler e entender em alto nível palavras já aprendidas (isto é, altamente praticadas) relativas a uma determinada área de seu interesse; um vocabulário surpreendentemente sofisticado no que diz respeito às palavras que ouve e excelência em áreas que não dependem da leitura, tais como matemática, computação e artes visuais.

Na Décima Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento, a CID-10, a dislexia pertence ao grupo dos Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares (F81), sendo classificada com a denominação de Transtorno Específico de Leitura (F81.0).

Nas diretrizes diagnósticas para o Transtorno Específico de Leitura a CID-10 destaca as omissões, substituições, distorções ou adições de palavras ou parte de palavras; baixa velocidade de leitura; falsas partidas, hesitações longas ou “perda de lugar” no texto e fraseologia incorreta e inversões de palavras dentro de sentença ou de letras dentro de palavras. Poderá haver também déficits na compreensão de leitura, como por exemplo, uma incapacidade de lembrar fatos já lidos; incapacidade de tirar conclusões ou inferências baseadas na matéria lida e uso de conhecimento geral como informação de fundo, ao invés de informação de uma história em particular para responder questões sobre uma história lida.

Conforme a CID-10, o Transtorno Específico de Leitura é mais comum em meninos do que em meninas e baixa auto-estima e problemas de ajustamento na escola e de relacionamento com colegas também são frequentes.

Os disléxicos também apresentam dificuldades com a memória, tanto a curto como a longo prazo. “Quando uma pessoa sem dislexia armazena algo em seu cérebro, ele é guardado corretamente, como se tivesse sido colocado em um arquivo em seu computador”. (2, p.12). O sistema de armazenamento de informações de um disléxico é como um grande arquivo, porém sem categorias ou subdivisões, o que dificulta na hora de recuperar uma informação armazenada.

Segundo o Dr. Pennington, com relação à etiologia, a dislexia é familiar (cerca de 35% a 40% dos parentes de primeiro grau são afetados) e herdada (com uma hereditariedade de cerca de 50%).

A Dra. Sally Shaywitz, em suas pesquisas com o mapeamento computadorizado do cérebro através da ressonância magnética funcional (fMRI), comprovou que a dislexia é um problema neurológico, situado na área do cérebro responsável pelo processamento da linguagem e que, portanto, não irá desaparecer com o passar do tempo.

A DISLEXIA E O MODELO FONOLÓGICO

O déficit responsável pela dislexia está no sistema lingüístico. Segundo a Dra. Sally Shaywitz, a dislexia não é um defeito generalizado na linguagem, mas sim uma deficiência inerente a um componente específico do sistema de linguagem: o módulo fonológico. A palavra fonológico tem origem na palavra grega *fono*, que significa som. Em outras palavras, o problema central da dislexia é fonológico: transformar letras em sons.

Nosso sistema de linguagem, falada e escrita, é composto de discurso (que são as frases encadeadas), sintaxe (estrutura gramatical), semântica (vocabulário ou significado das palavras) e fonologia (fonemas - diferentes elementos sonoros da linguagem). O módulo fonológico é como se fosse a fábrica da linguagem, a parte funcional do cérebro onde os sons da linguagem são reconhecidos e montados seqüencialmente para formar palavras e onde as palavras são segmentadas em sons elementares (os fonemas).

Ler é o processo inverso do falar. Na leitura, partimos da palavra inteira impressa na página. As letras que representam os fonemas estão todas organizadas corretamente. O trabalho de quem lê é converter as letras em sons e considerar que as palavras são

compostas de segmentos menores ou fonemas. As crianças e os adultos disléxicos têm dificuldades para desenvolver a percepção de que as palavras faladas e escritas são compostas por esses fonemas ou blocos sonoros.

Ler é mais difícil do que falar. Falar é natural, e ler não é. Os dois componentes importantes para a leitura são a decodificação e a compreensão. A decodificação consiste em ligar as letras aos sons que representam e depois combinar esses sons para ler a palavra. E a compreensão envolve o conhecimento do significado da palavra. Uma deficiência fonológica interfere na decodificação, mas as capacidades superiores, necessárias para a compreensão, permanecem intactas.

A MARCA NEURAL DA DISLEXIA

Ao lermos, penetramos no sistema da linguagem e “em um nível neural, isso significa que a leitura depende dos circuitos cerebrais já preparados para a linguagem”. (4, p.63). A anatomia do cérebro geralmente é normal em pessoas disléxicas, não apresentando lesão cerebral na região responsável pela linguagem. O que encontramos na dislexia

“é um circuito que não se estabeleceu corretamente já no início, tendo ocorrido uma falha durante a vida do feto, quando o cérebro se forma para a linguagem. Como resultado, as dezenas de milhares de neurônios que carregam as mensagens fonológicas necessárias à linguagem não se conectam adequadamente para formar as redes de ressonâncias que tornaram possível a boa capacidade de leitura”. (4, p. 63).

É muito provável que devido a um erro geneticamente programado, o sistema neural necessário para a análise fonológica encontra-se de alguma forma malconectado, e a criança passa a ter um problema fonológico que interfere na linguagem falada e na linguagem escrita. Dependendo da natureza ou gravidade dessa falha nos circuitos, encontramos variações e vários graus de dificuldades de leitura.

De acordo com a Dra. Sally Shaywitz, “o lado esquerdo do cérebro é tradicionalmente associado à linguagem”. (4, p.68). Em suas pesquisas com o mapeamento computadorizado do cérebro através da ressonância magnética funcional (fMRI), a Dra. Sally Shaywitz pôde observar a seqüência de eventos na região do cérebro associada à linguagem, à medida que a pessoa lê. E os estudos feitos a partir das imagens cerebrais

identificaram dois caminhos neurais da leitura - um para quem está começando a ler e para a verbalização lenta das palavras e outro, mais rápido, para quem já lê bem, além de **uma falha nesse circuito** para os leitores disléxicos, comprovando que os leitores disléxicos usam caminhos cerebrais diferentes dos leitores não-disléxicos.

Os bons leitores, quando lêem, ativam sistemas neurais altamente interconectados que incluem regiões das partes posterior (regiões **parietotemporal**, responsável pela análise de palavras; e **occipitotemporal**, responsável pela forma das palavras) e anterior do lado esquerdo do cérebro (**área de Broca**, responsável pela articulação e análise de palavras). (Ver Figura 1.1, em anexo).

Os sistemas parietotemporal e occipitotemporal desempenham papéis diferentes na leitura e suas funções têm sentido conforme as necessidades dos leitores: os *leitores iniciantes* necessitam primeiro analisar uma palavra; já os *leitores experientes* identificam as palavras instantaneamente. Por causa disso, o sistema parietotemporal funciona para o leitor iniciante. Lenta e analítica, sua função parece estar nos primeiros estágios da aprendizagem da leitura - quando se começa a analisar uma palavra, subdividindo-a e conectando suas letras aos sons. Já o sistema occipitotemporal, é bem mais rápido e funciona para o leitor experiente. “Em vez de analisar a palavra, a área occipitotemporal reage quase que instantaneamente à palavra inteira como sendo um padrão único”. (4, p.71). Basta olhar para que a palavra seja identificada.

Na prática, o sistema de forma da palavra acontece da seguinte maneira:

“depois de a criança analisar e ler *corretamente* uma palavra várias vezes, ela forma um modelo neural exato dessa palavra; o modelo (forma da palavra), que reflete a ortografia, a pronúncia e o significado da palavra, é então permanentemente armazenado no sistema occipitotemporal”. (4, p. 71).

Conseqüentemente, basta olhar a palavra impressa para que o sistema e todas as informações relevantes sobre a palavra sejam automaticamente ativados, sem esforço ou pensamento consciente.

Um terceiro caminho de leitura está localizado na área de Broca, na parte frontal do cérebro, e também ajuda a, embora que lentamente, analisar a palavra. Existem, portanto, três caminhos neurais para a leitura: “dois caminhos mais lentos e analíticos, o parietotemporal e o frontal, que são utilizados principalmente por leitores iniciantes, e uma

via rápida, a occipitotemporal, utilizada por leitores experientes”. (4, p. 72). (Ver Figura 1.1, em anexo).

Como dissemos anteriormente, as pesquisas feitas a partir das imagens cerebrais revelaram padrões de ativação cerebral marcadamente diferentes nos leitores disléxicos se comparados aos mesmos padrões nos leitores normais. Quando lêem, os leitores normais ativam a parte posterior do cérebro e também a parte anterior. Já os leitores disléxicos apresentam uma falha no sistema – uma *subativação* de caminhos neurais na parte posterior do cérebro. Como consequência, eles apresentam problemas “ao analisar as palavras e ao transformar as letras em sons e, mesmo quando amadurecem, continuam a ler lentamente e sem fluência”. (4, p.72). (Ver Figura 1.2, em anexo).

As ativações cerebrais nas crianças disléxicas costumam mudar com a idade. As imagens cerebrais revelam que

“as crianças disléxicas mais velhas demonstram uma ativação aumentada nas regiões frontais, de maneira que, quando chegam à adolescência, demonstram padrão de *superativação* da região de Broca – isto é, passam a usar com frequência cada vez maior essas regiões frontais para a leitura. É como se esses leitores estivessem usando os sistemas da parte frontal do cérebro para compensar o problema da parte posterior”. (4, p.72-73).

Esse padrão de *superativação* das áreas frontais do cérebro e *subativação* na parte posterior do cérebro representa uma espécie de **marca neural** para as dificuldades fonológicas que caracterizam a dislexia, comprovando que as crianças e os adultos disléxicos utilizam sistemas de leitura compensatórios. (Ver Figura 1.2, em anexo).

“As imagens cerebrais de leitores disléxicos que tentam pronunciar palavras demonstram que o sistema posterior do lado esquerdo do cérebro não está funcionando; em vez disso, esses leitores lentos mas precisos dependem de caminhos alternativos secundários, que não são como um conserto, mas sim uma diferente rota de leitura. Além de depender mais da área de Broca, que foi mencionada anteriormente, os disléxicos também usam outros sistemas auxiliares de leitura, localizados no lado direito e na parte anterior do cérebro – um sistema funcional, mas, infelizmente, não automático”. (4, p.73).

Como consequência, a falha nos sistemas posteriores impede o reconhecimento rápido e automático das palavras e o desenvolvimento do lado direito e da parte anterior como sistema auxiliar permite que haja uma leitura precisa, porém muito lenta. Portanto, os leitores disléxicos dependem de um sistema “manual” em vez de um sistema automático de leitura.

Pesquisas realizadas pela Dra. Sally Shaywitz com crianças disléxicas após freqüentarem um programa de leitura durante um ano constataram que houve um reparo cerebral – os caminhos auxiliares do lado direito do cérebro (responsável pela leitura precisa, porém lenta) eram muito menos proeminentes e houve um desenvolvimento maior dos sistemas neurais do lado esquerdo do cérebro, que são essenciais para a leitura rápida e automática. (Ver Figura 1.3, em anexo).

TRANSFORMANDO UM ALUNO DISLÉXICO EM UM LEITOR COMPETENTE

Segundo a Dra. Sally Shaywitz, “ensinar uma criança disléxica a ler é algo que tem como base os mesmos princípios usados para ensinar qualquer criança a ler”. (4, p.192). O ensino deve ser incansável e ampliado de todas as formas possíveis de modo que seja penetrante e duradouro.

Um programa de ensino de habilidades de leitura eficaz para disléxicos deve basear-se em três pilares: a intervenção de leitura; a integração dessa intervenção com o trabalho normalmente realizado na escola e o freqüente monitoramento do progresso da leitura.

Os elementos essenciais para uma intervenção de leitura bem-sucedida são o conteúdo do programa e a sua implementação, ou seja, como, por quem e por quanto tempo a intervenção será apresentada ao aluno. Esta intervenção deve ser o mais precoce possível, de preferência entre os 5 e 6 anos de idade. O ensino da leitura deve ser intensivo, com um grupo de no máximo três crianças disléxicas recebendo ensino especializado de leitura, por cinco dias por semana, com uma duração de aproximadamente noventa minutos por dia. O ensino deve ser realizado por um professor qualificado e bastante experiente em alfabetizar.

Com relação ao monitoramento do progresso da leitura, o professor encontrará no livro “Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar”, de Maria Luiza Wess, uma técnica de avaliação do

desenvolvimento da leitura, simples e prática, que pode ser utilizada em sala de aula. (8).

O primeiro passo para um programa de ensino de habilidades de leitura eficaz é determinar o estágio ou nível de desenvolvimento em que o aluno disléxico se encontra. Em seguida, o professor deve elaborar atividades que visem melhorar tanto quanto possível as deficiências fonológicas de seu aluno disléxico e recorrer às habilidades no processo de pensamento de seu aluno (apontadas pela Dra. Sally Shaywitz) como uma grande aliada nessa caminhada no sentido de transformar seu aluno disléxico em um leitor competente. É preciso enfatizar não apenas a dificuldade de leitura da criança, mas também seus pontos fortes. É importante que essas habilidades no processo de pensamento sejam identificadas, incentivadas e que definam a criança.

No primeiro estágio da leitura o objetivo principal é desenvolver a *consciência fonêmica*, ou seja, fazer a criança compreender que a palavra é dividida em pequenos sons chamados fonemas. Para que isso ocorra, o primeiro passo é desenvolver na criança a consciência da rima, para que a criança comece a perceber que as palavras tem partes. Isso ajuda a estabelecer a base para o ensino da consciência fonêmica e pode ser feito através da leitura em voz alta de histórias e poemas. Leia a história, exagere nos sons das rimas, chame a atenção para as rimas e repita a história pedindo para completarem as rimas e inventarem outras rimas.

O segundo passo é trabalhar com as palavras. Trabalhar com as palavras é a tarefa inicial da leitura e constitui-se na parte central dos programas de ensino de habilidades de leitura para crianças pequenas.

Depois de conhecer as rimas e de desenvolver a percepção de que as palavras têm partes, as crianças estão prontas para o próximo grande passo para a leitura: dividir as palavras e montá-las novamente. Dividir a palavra nos sons que a compõem é o que denominamos de *segmentação*. E, juntar os sons para formar uma palavra é o que chamamos de *combinação*. Esses são os dois processos fundamentais envolvidos na aprendizagem de soletrar e de ler. Ao soletrar, a criança *segmenta* a palavra falada em seus sons, transformando cada um deles em letra. Ao ler, as letras são convertidas em sons que são *combinados* para formar uma palavra.

Uma atividade que ajuda a criança a separar os sons de uma palavra é contar, na verdade, bater palmas, de acordo com o número de sílabas da palavra. Em seguida, a criança deve praticar a comparação ou combinação dos sons de diferentes palavras. Sempre comece pedindo a ela que compare os sons iniciais das palavras e, depois, os finais. É bom que as palavras sejam acompanhadas de gravuras.

Assim que a criança aprender a natureza segmentada das palavras faladas e estiver familiarizada com os sons individuais, ela estará pronta para as letras. Ela deverá aprender o nome das letras, suas formas e seus sons.

Dicas para ter sucesso nesse primeiro estágio da leitura: as atividades devem ser curtas e agradáveis; fale claramente as palavras e pronuncie cada um dos sons cuidadosamente; exagere os sons e peça para a criança fazer o mesmo; crie suas próprias rimas ou historinhas e use objetos concretos (moedas ou fichas) para representar os sons das palavras - a criança deve indicar quantos sons ela ouve em uma palavra pelo número de moedas (ou fichas) que coloca na mesa.

No segundo estágio da leitura devemos enfatizar a prática da leitura de palavras, tanto isoladamente, quanto na leitura de frases simples e de livros. A criança, para melhorar sua precisão, necessita praticar a leitura em silêncio e em voz alta.

Toda vez que a criança tropeçar em uma determinada palavra e, sob a orientação do professor, fizer as devidas correções e melhoramentos, ela estará firmando representações cada vez mais precisa da palavra em seu cérebro. No final do processo, ela terá construído uma réplica neural da palavra contendo sua ortografia, pronúncia e significado. “Escrever a palavra e aprender a soletrá-la também contribui para firmar representações precisas dela no circuito neural”. (4, p.149).

Reconhecer e escrever as letras representa um marco na aprendizagem da leitura. “Quando as crianças escrevem as letras, mesmo que mal, elas podem participar de uma variedade de exercícios escritos que as estimulam a se conscientizar dos sons que fazem as palavras e de como as letras representam esses sons”. (4, p.151).

“A leitura e o conhecimento das palavras reforçam-se mutuamente. A leitura ajuda a construir o vocabulário das crianças, e o conhecimento dos significados das palavras ajuda a decodificá-las e a melhorar a compreensão do que se lê”. (4, p. 151). Quanto maior o vocabulário de uma criança, mais palavras – difíceis e complexas – ela será capaz de

decodificar e ler. Nunca é cedo demais para se apresentar novas palavras e seus significados a uma criança, o que fortalece seu modelo neural para cada uma das novas palavras que encontra.

Ouvir histórias, falar sobre os personagens e acontecimentos e brincar com blocos de letras ou fantoches são atividades que ajudam a criança a desenvolver seu pensamento e imaginação, construir seu vocabulário e tornar-se consciente do mundo que a cerca.

Dicas de atividades para orientar o professor: estabeleça um propósito para a leitura; identifique o título e o autor; comente a ilustração da capa; folheie as páginas do livro; faça as cinco perguntas: “quem”, “que”, “onde”, “quando” e “por que”; relacione a história e os eventos ao conhecimento e aos interesses atuais de seus alunos; preveja os eventos futuros (leia uma passagem, pare, comente e peça para seus alunos preverem o que vai acontecer); resuma as idéias principais; faça perguntas ao longo da leitura; faça interferências; esclareça palavras difíceis ou conceitos confusos; use imagens ou visualização; organize as idéias, talvez graficamente no papel; reconte a seqüência de eventos e aproveite a história.

De acordo com a Dra. Sally Shaywitz, um programa de ensino de habilidades de leitura eficiente deve contemplar as seguintes atividades: aprender a ler as palavras pela pronúncia de palavras pequenas e simples (para alunos da 1ª. Série) e separação de palavras maiores (para alunos da 2ª. Série em diante); aprender a soletrar as palavras; memorizar as palavras que se lêem à primeira vista; praticar leitura oral e silenciosa; praticar a fluência (ler a palavra com precisão, rapidez, suavidade e boa expressão); escrever incluindo cartas e histórias; constituir conhecimento das palavras e do mundo e aprender estratégias de compreensão. Vale a pena ressaltar que “esforços contínuos para criar uma sensação de auto-estima fortalecem o programa e são a chave de sem sucesso”. (4, p. 155).

A fluência – capacidade de ler um texto rápida e precisamente e com boa compreensão – é a principal característica de um leitor competente. A fluência se adquire pela prática, pela leitura repetida das palavras. A fluência pode e deve ser ensinada. Os programas mais eficientes no ensino da fluência compartilham das seguintes características: foco na leitura oral da criança; oportunidades para a prática, permitindo que a criança leia e releia as palavras em voz alta do texto e *feedback* contínuo enquanto a criança lê.

A leitura em voz alta é muito importante porque faz com que o *feedback* (sempre positivo e construtivo) seja possível. E o *feedback* por sua vez, “é importante porque

permite que a criança modifique sua pronúncia de uma determinada palavra e simultaneamente corrija o modelo neural dessa mesma palavra para que ela passe cada vez mais a refletir sua pronúncia e ortografia exatas”. (4, p. 176).

A *leitura oral repetida orientada* é uma técnica muito utilizada no ensino da fluência. O professor escolhe um pequeno texto, o lê em voz alta para o aluno e depois pede para que o aluno leia. Após, o *feedback* dado pelo professor e as correções feitas pelo aluno, o professor poderá trabalhar com duplas: um aluno lendo para outro aluno e vice-versa. Alguns professores costumam realizar atividades como a “festa da poesia” (onde ocorre a leitura oral de poesias), o “teatro do leitor” (onde são feitas leituras dramáticas de um trecho de alguma peça) e a leitura de letras de músicas. Há também a “leitura coral”, onde o professor inicialmente lê o texto em voz alta e em depois, todos os alunos, ao mesmo tempo, lêem o texto quatro ou mais vezes seguidas.

Como fonte de consulta para o professor recomendamos o livro de Robert Valett, “Tratamento de distúrbios da aprendizagem: manual de programas psicoeducacionais”, onde ele apresenta diversas atividades que auxiliam o professor a organizar programas psicoeducacionais para as capacidades básicas de aprendizagem. (7). Na área de desenvolvimento da linguagem o autor apresenta uma série de atividades que abordam o vocabulário (capacidade de compreender palavras), a fluência e codificação (capacidade para expressar-se verbalmente), a articulação (capacidade de articular palavras claramente, sem problemas articulatórios ou de pronúncia), a habilidade para lidar com palavras (capacidade de analisar palavras foneticamente), a compreensão de leitura, a escrita e a soletração.

Há também no mercado a primeira versão para o idioma português do Método Panlexia. Panlexia é um método de orientação diagnóstica e um programa abrangente de assistência pedagógica ao indivíduo disléxico. O Método Panlexia foi formulado inicialmente para o idioma inglês e italiano pela pedagoga inglesa Pámela Kvilekval e com a co-autoria da psicóloga e educadora brasileira Mônica Luczynski foi construído o programa de ensino para a língua portuguesa intitulado “Panlexia na Língua Portuguesa – Um Programa para Ensinar o Disléxico a Ler, Escrever e Soletrar, e a Compor e Entender um Texto”. O programa foi construído segundo as características fonema x grafema do idioma português, falado e escrito no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a dislexia seja um problema permanente, Segundo Corinne Smith, as crianças disléxicas

“chegam a ter saltos desenvolvimentais que trazem uma melhora acentuada. O cérebro continua formando novas conexões até o início da idade adulta, e existem casos em que os ‘circuitos’ necessários para a leitura finalmente se completaram na adolescência ou mesmo depois. O lema para o ensino de habilidades de leitura, portanto, é ‘jamais desista’. É necessário deixar as portas da educação abertas por tanto tempo quanto possível, para que aqueles que amadurecem tarde tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial”. (6, p. 55).

De acordo com Robert Frank, embora a dislexia seja um transtorno “invisível”, a criança com dislexia vivencia uma “vida secreta” de maneira única: é bem consciente de que não é como as outras crianças, mas pode ser impelida a manter um véu de sigilo sobre seu transtorno, cabendo às pessoas que lidam diariamente com ela a função de detectar suas dificuldades e procurar ajudá-la. Para Selma Martinelli,

“uma criança que vive em um ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chances de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, dessa maneira, trabalhar com seus sucessos e fracassos de forma mais adequada”. (5, p. 114).

Portanto, os adultos importantes para a vida de uma criança disléxica – especialmente seus pais e professores – desempenham um papel fundamental na determinação de seu perfil futuro. A criança com dislexia precisa de uma pessoa persistente, encorajadora, alguém que lhe dê apoio e a defenda inflexivelmente; alguém que atue como um incentivador quando as coisas não estão indo bem; que seja um amigo e confidente quando os outros façam chacotas e a deixem envergonhada; enfim, um defensor que, por ações e comentários, expresse otimismo para o futuro.

Talvez o mais importante de tudo seja o fato de o leitor disléxico precisar de alguém que não apenas acredite nele, mas que traduza tal sentimento em ações positivas,

compreendendo a natureza do problema de leitura e que, depois, trabalhe de maneira incansável para garantir que o leitor receba o auxílio e o apoio de que precisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CID-10. Classificação de transtornos mentais e de comportamento: descrição clínica e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993.
2. FRANK, Robert. *A vida secreta da criança com dislexia*. São Paulo : M. Books Editora Ltda, 2003.
3. PENNINGTON, Bruce F. *Diagnóstico de distúrbios de aprendizagem*. São Paulo : Ed. Pioneira Thompson Learning, 1997.
4. SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*. Porto Alegre : Artmed, 2006.
5. SISTO, Fermino Fernandes; BORUCHOVITCH, Evely; MARTINELLI, Selma de Cássia (orgs.). *Dificuldades de aprendizagem no contexto pedagógico*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 2001.
6. SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. *Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores*. Porto Alegre : ARTMED, 2001.
7. VALETT , Robert E. *Tratamento de distúrbios da aprendizagem: manual de programas psicoeducacionais*. São Paulo : EPU, 1977.
8. WEISS, Maria Lúcia Lemme. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. 10. ed. Rio de Janeiro : D P & A, 2004.

ANEXOS

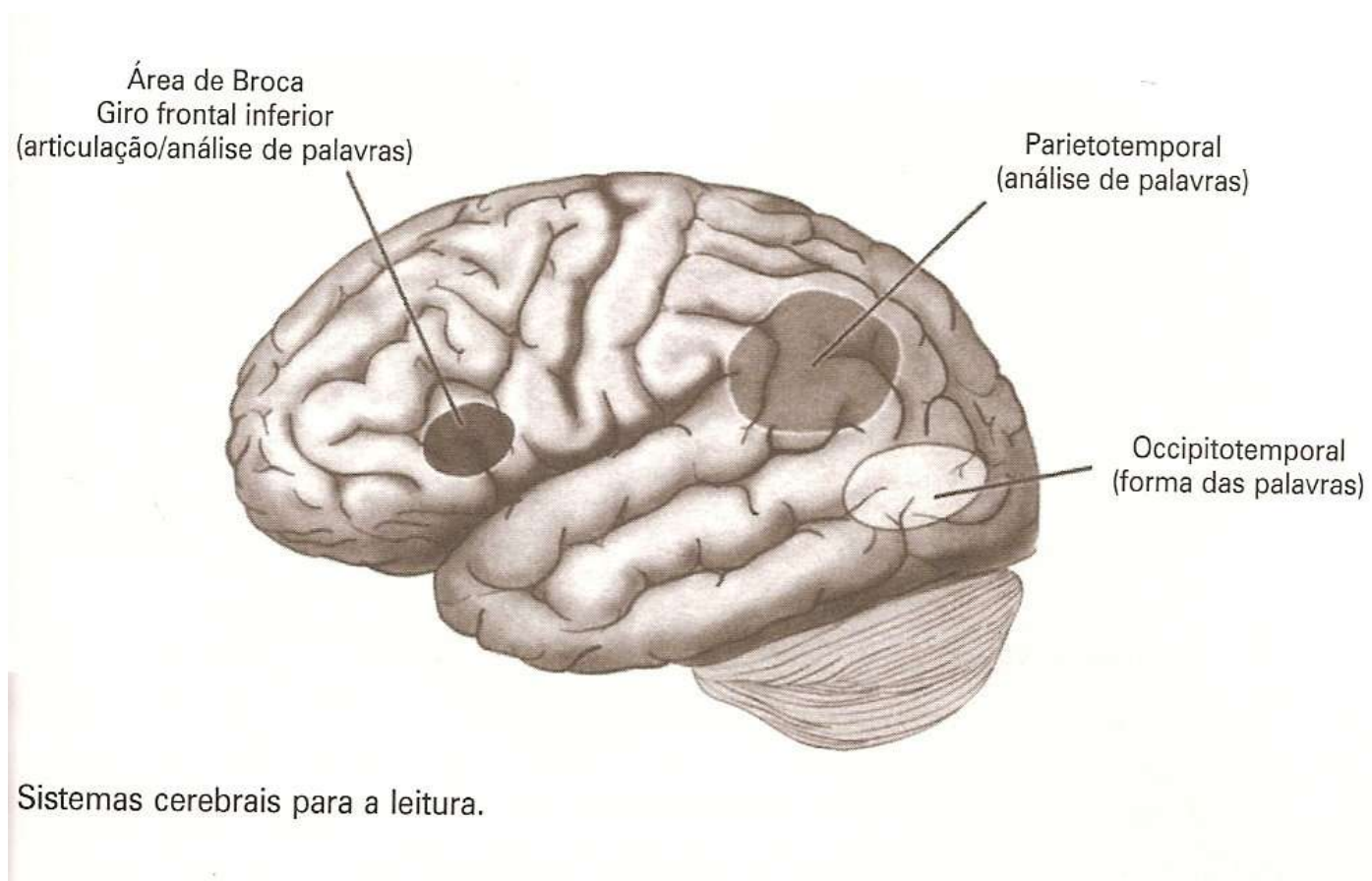


Figura 1.1 Sistemas cerebrais para a leitura.

Fonte: SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2006. (p. 71).

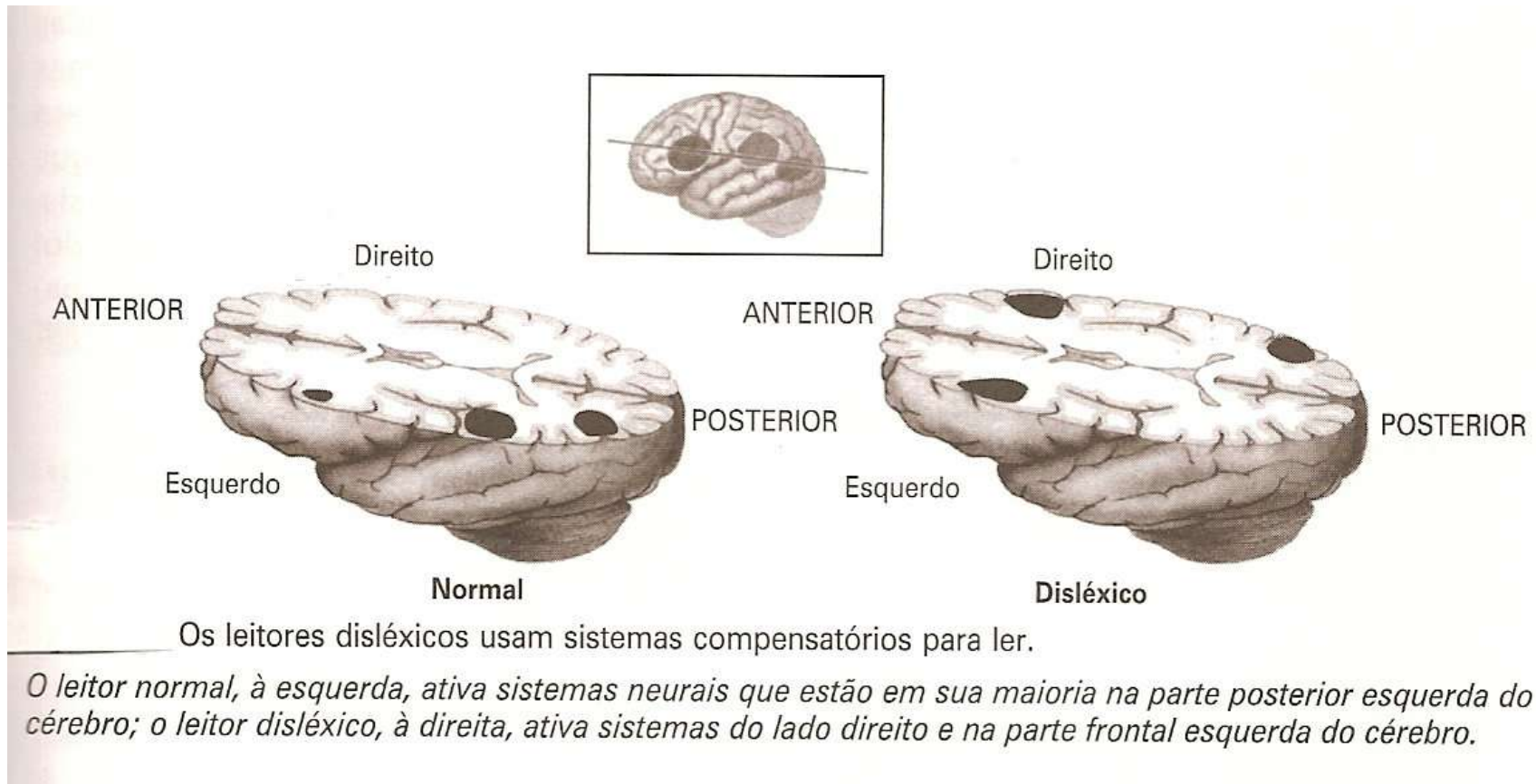
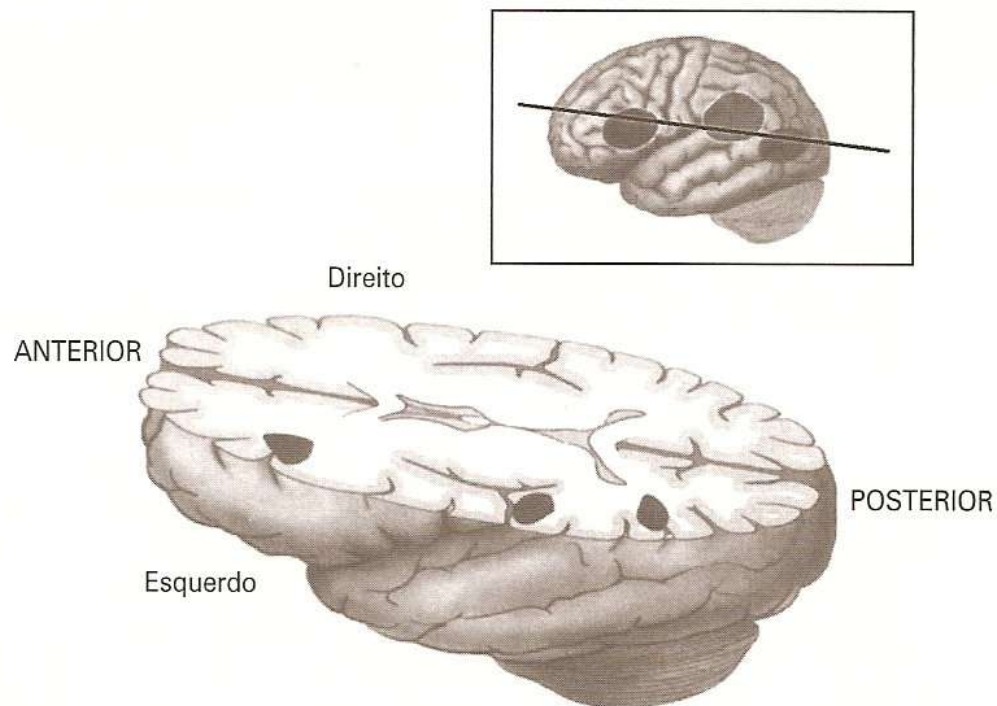


Figura 1.2 Imagem cerebral de leitores normais e leitores disléticos.

Fonte: SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2006. (p. 75).



Intervenções eficazes de leitura fazem com que o cérebro se recupere.

Um ano depois de uma intervenção eficaz de leitura, crianças disléxicas desenvolveram sistemas de leitura do lado esquerdo (em preto) tanto na parte anterior como na posterior do cérebro.

Figura 1.3 Imagem cerebral de uma criança disléxico após um ano de programa de leitura.

Fonte: SHAYWITZ, Sally. Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006. (p. 76).